

PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

# DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

 **Atena**  
Editora  
Ano 2023



PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

# DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

 **Atena**  
Editora  
Ano 2023





**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina  
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina  
 sProf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 aProf<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra  
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Do mito grego à psicanálise: ressonâncias

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Paulo José da Costa

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>	
D631	<p>Do mito grego à psicanálise: ressonâncias / Organizador Paulo José da Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF  Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  Modo de acesso: World Wide Web  Inclui bibliografia  ISBN 978-65-258-0804-8  DOI: <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.048230401">https://doi.org/10.22533/at.ed.048230401</a></p> <p>1. Psicanálise. I. Costa, Paulo José da (Organizador). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 150.195</p>
<b>Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166</b>	

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



O legado da civilização grega para a cultura ocidental é inegável, assim como a presença da mitologia helênica na construção do arcabouço teórico da psicanálise. De modo geral, herdamos as suas contribuições por meio do que permaneceu intacto, através de registros históricos, arqueológicos, artísticos, linguísticos, etc., que sobreviveu ao tempo e foi absorvido pela posteridade, mas também pelos bens imateriais inerentes. Entretanto, não podemos supor que o patrimônio helênico herdado se mantenha incólume na nossa cultura, mas sobrevive porque é amalgamado ao devir, é readaptado e ressignificado no percurso temporal, geográfico, histórico, social, das ações humanas de cada tempo e lugar.

Tal processo, ao contrário de diminuir a importância desse legado, embora nos possa parecer diluí-lo ou até fazê-lo sair de cena, o mantém vivo porque esse movimento é essencial a sua preservação de diferentes maneiras. Sem isso, o que ele contém de mais significativo referente ao humano se engessaria e assim perderia a sua força e o seu valor, levando-o ao desaparecimento, pois teria perdido o que o faz ser fonte de inspiração, de reflexão, que é o seu dinamismo. Nesta perspectiva, a psicanálise se apropriou de elementos dessa herança, por reconhecer a sua dinamicidade e capacidade de expressão de aspectos profundamente humanos, em constante movimento. Nesse sentido, o modo como Freud se aproximou particularmente dos mitos gregos na construção do *corpus* psicanalítico, resgata a atualidade daquilo que já estava presente na Antiguidade, transformando-o, através de uma abordagem original que lhe permitiu criar um novo campo do conhecimento.

Assim sendo, podemos pensar que a contribuição da civilização helênica para a cultura ocidental, e particularmente para a psicanálise que é o nosso foco de interesse em nossas pesquisas e estudos, se manifesta como uma espécie de eco que pode ser tomado como repetição, mas também como portador de algo para o qual se chama a atenção, que reverbera em múltiplas situações e condições, pelas quais evidencia, transmite, distingue certa coisa que até então talvez estivesse velada ou pouco percebida, que repercute pelo efeito que produz. Portanto, por ressonâncias explícitas ou subjacentes, manifestas ou latentes. É considerando tais ressonâncias e suas inúmeras possibilidades que vimos nos debruçando sobre a interface entre mitologia grega e psicanálise, inseridos na Linha de pesquisa “Psicanálise e Civilização”, do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá.

Com foco nessa interface, professores, mestrandos e doutorandos do

referido Programa de Pós-graduação desenvolvem estudos e pesquisas, além de consolidar a disciplina “A mitologia grega e a dimensão trágica do psiquismo: reflexões psicanalíticas”, ministrada regularmente. É desse *corpus* de produções que emergem as nossas publicações, algumas das quais apresentamos no presente livro. Também contamos com a parceria e contribuições de profissionais interessados nessa temática, vinculados às seguintes instituições: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Centro Universitário UDF, Centro Universitário Metropolitano de Maringá (Unifamma), Centro Universitário de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná (UniFatecie), Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (EPPM) e Prefeitura Municipal de Maringá,

No presente livro, as interfaces entre mitologia grega e psicanálise são abordadas por diferentes perspectivas e temáticas, que expressam a riqueza de possibilidades que emergem do encontro desses dois campos. Assim, no primeiro texto, *Dor mental e engrenagem suicida: um jeito de existir*, é discutido um modo de funcionamento psíquico que cria proteções para evitar o conhecimento de aspectos fundamentais inerentes à condição humana, visando blindar a mente de pensar as verdades penosas, segundo a concepção bioniana. No segundo, por sua vez, denominado *A clínica psicanalítica e a ética trágica na pós-modernidade*, apresenta e argumenta acerca da relação entre os fundamentos psicanalíticos e o pensamento filosófico trágico, remetendo a uma ética trágica norteando o trabalho do psicanalista e auxiliando a compreensão de qual é o lugar ocupado pela psicanálise no mundo contemporâneo.

Quanto ao terceiro texto, intitulado *Deméter e Perséfone: reflexões acerca das dificuldades de separação subjetiva entre mãe e filha*, parte de vivências oriundas da clínica para refletir sobre a modalidade relacional em que não ocorre a separação e a diferenciação necessárias, no processo de subjetivação, envolvendo a dupla mãe-filha. Na sequência, em *Narciso e o espelho: análise de uma narrativa mítica*, o exame recai sobre o mito de Narciso a partir de sua estruturação narrativa, tendo por base tanto elementos textuais quanto psicanalíticos. Em *Jasão: o herói adormecido*, além de apresentar este mito, investiga as características do seu processo heroico em sua relação com Medeia.

No texto *O destino de John Connor na trilogia “O exterminador do futuro”*: *esboços psicanalíticos e trágicos*, a partir de elementos psicanalíticos e trágicos,

são propostas algumas possibilidades para se pensar a presença mítica na contemporaneidade, através do exame de aspectos presentes no personagem principal da referida obra cinematográfica. Com relação ao sétimo texto, *Do rito fúnebre ao mito das origens: questões do sujeito a partir de Antígona e Incêndios*, a partir da personagem sofocleana e de uma peça teatral, ambas indicadas no título, traz reflexões com o intuito de pensar acerca da noção de sujeito desde o seu enlaçamento com a cultura e sobre o registro do mito, enquanto possibilidade para se pensar as origens e a morte.

Quanto ao próximo texto, *Anacronia no enigma edípico: paradigma do tempo em psicanálise*, busca defender a existência de uma anacronia no processo de formulação do enigma edípico, sendo necessário, para tanto, tratar sobre a tese do tempo tal como se apresenta na tragédia de Sófocles sobre o rei Édipo e a dinâmica da atemporalidade inconsciente, do ponto de vista psicanalítico. Sequencialmente, em *A disjunção entre a mulher e a mãe em Medeia*, são levantados questionamentos a respeito do destaque dado por Eurípidés à personagem e seu ato filicida, a partir do que se constroem análises evidenciando as distinções entre a mãe e a mulher, trazendo para o campo psicanalítico como pauta de importante discussão.

Intitulado *O avesso de Procusto: algumas observações acerca da inquietante função do analista*, o décimo texto apresenta uma reflexão sobre a alteridade e suas implicações metapsicológicas, argumentando pela perspectiva da função analítica. Em seguida, desenvolvendo conexões entre as noções de frenesi báquico e de loucura privada, enquanto possibilidades de se pensar a clínica psicanalítica na atualidade, temos *O frenesi báquico e a loucura privada: articulações entre a psicanálise e a tragédia As Bacantes*. Finalizando esse conjunto de estudos, consta *Medeia e o filicídio: comoção e horror*, no qual a proposta é examinar as possíveis reações que as pessoas têm perante a situação de assassinio dos filhos pela própria mãe, analisando a partir dos conceitos de recalque e de formação reativa.

Esperamos que a leitura do presente livro possa contribuir para a reflexão e para a promoção de debates, favorecendo o surgimento de novos entendimentos envolvendo as questões levantadas e discutidas aqui. E propiciar deleite (porque não?), tendo em vista a arte envolvida nos mitos gregos.



**SUMÁRIO****SUMÁRIO ..... 5****CAPÍTULO 1 ..... 1**

DOR MENTAL E ENGRENAGEM SUICIDA: UM JEITO DE EXISTIR


Angélica Calaresi Wolff

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304011>**CAPÍTULO 2 ..... 10**

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A ÉTICA TRÁGICA NA PÓS-MODERNIDADE

Gabriel Crespo Soares Elias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304012>**CAPÍTULO 3 ..... 31**

DEMÉTER E PERSÉFONE: REFLEXÕES ACERCA DAS DIFICULDADES DE SEPARAÇÃO SUBJETIVA ENTRE MÃE E FILHA


Michelle Cintya Bacini

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304013>**CAPÍTULO 4 ..... 48**

NARCISO E O ESPELHO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA MÍTICA

Alcione Lucena de Albertim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304014>**CAPÍTULO 5 ..... 65**

JASÃO: O HERÓI ADORMECIDO


Viviana Carola Velasco Martinez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304015>**CAPÍTULO 6 ..... 85**

O DESTINO DE JOHN CONNOR NA TRILOGIA “O EXTERMINADOR DO FUTURO”: ESBOÇOS PSICANALÍTICOS E TRÁGICOS


Carlos Henrique Barbosa Vieira





Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304016>**CAPÍTULO 7 ..... 108**

DO RITO FÚNEBRE AO MITO DAS ORIGENS: QUESTÕES DO SUJEITO A PARTIR DE ANTÍGONA E INCÊNDIOS

Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304017>

<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>125</b>
ANACRONIA NO ENIGMA EDÍPICO: PARADIGMA DO TEMPO EM PSICANÁLISE	
João Milton Walter Tavares	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304018">https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304018</a>	
<b>CAPÍTULO 9 .....</b>	<b>143</b>
A DISJUNÇÃO ENTRE A MULHER E A MÃE EM MEDEIA	
Lauro Barbosa	
Maria Cristina Poli	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304019">https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304019</a>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>156</b>
O AVESSE DE PROCUSTO: ALGUMAS OBSERVAÇÕES ACERCA DA INQUIETANTE FUNÇÃO DO ANALISTA	
Mauricio Rodrigues de Souza	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040110">https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040110</a>	
<b>CAPÍTULO 11 .....</b>	<b>172</b>
O FRENESI BÁQUICO E A LOUCURA PRIVADA: ARTICULAÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E A TRAGÉDIA AS BACANTES	
Ana Flávia Cicero Conde	
Paulo José da Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040111">https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040111</a>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>187</b>
MEDEIA E O FILICÍDIO: COMOÇÃO E HORROR	
Emanuely Jackeliny Pissinati Martins	
Viviana Carola Velasco Martinez	
Paulo José da Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040112">https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040112</a>	
<b>SOBRE OS AUTORES .....</b>	<b>205</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>208</b>

# JASÃO: O HERÓI ADORMECIDO

---

*Data de aceite: 11/11/2022*

**Viviana Carola Velasco Martinez**

Universidade Estadual de Maringá  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3141306816608544>

O célebre quadro “Medéia furiosa”, de Delacroix (1838), representa de maneira única o momento culminante da tragédia *Medéia*, de Eurípidés (1966), encenada em 431 a. C.

Muito se tem produzido sobre esta personagem, nos diversos campos do saber, principalmente sobre o assassinato dos próprios filhos. Talvez o grande enigma, que isso sugere, esteja imediatamente em torno do questionamento do amor nas suas diversas formas, como o amor materno, o amor amante, o amor filial, o amor fraterno...

Contudo, e apesar desse destaque dado a Medéia, desde a peça de Eurípidés, pouco tem se dito sobre Jasão, comparativamente, quando é ele o objeto das paixões mortíferas da feiticeira. É por ele que Medéia rompe os limites humanos,

éticos, morais e civilizados.

Assim, este capítulo, como parte da proposta de Costa (2014, 2017, 2020), de produzir conhecimento no encontro do mito e a psicanálise, tem como objetivo apresentar Jasão e seu mito e analisar as peculiaridades do seu devir heroico à sombra de Medéia.

### O HOMEM DE UMA SANDÁLIA SÓ

Conta o mito que Jasão, nascido na Tessália, era filho de Esão, que reinava em Iolco. Destronado por seu irmão Pélias, Esão tornou-se prisioneiro do novo rei, que ordenou matar todos os seus descendentes. Mas a esposa do rei deposto, que estava grávida, após o nascimento do seu filho, para salvá-lo, convoca a família para chorar o suposto natimorto, abandonando depois a criança longe do reino. É dessa maneira que Diomedes, abandonado, sobrevive e é educado pelo centauro Quirão, mestre de tantos guerreiros, mudando o seu nome para Jasão, cuja etimologia o liga à medicina



como discípulo do centauro (GRAVES, 1997; BRANDÃO, 1995, 1997).

Feito guerreiro, retorna a seu país, para reclamar a sucessão do trono. Mas o rei Pélias, advertido por um oráculo que devia temer ao estrangeiro que calçava uma sandália só, reconhece Jasão, seu sobrinho, e promete lhe entregar o trono em troca do velocino de ouro<sup>1</sup>, que se encontrava nos domínios do rei Eetes, pai de Medéia, na Cólquida.

Jasão encomenda de Argos, o construtor, a famosa nau dos Argonautas, batizada de Argo (brilhante e rápida), e reúne os heróis mais valentes para cumprir a sua missão. Depois de muitas peripécias no caminho, Jasão chega na Cólquida e se apresenta na corte do rei Eetes, pai de Medéia, e lhe comunica o motivo de sua presença. O rei, com a certeza de que poderia se livrar do jovem, oferece o velocino de ouro, sob condição de que Jasão executasse quatro trabalhos e o fizesse num só dia: 1. pôr o jugo em dois touros selvagens, que soltavam fogo pelas narinas e atrelá-los a uma charrua de diamante; 2. com eles lavar uma extensa área e semear os dentes do dragão morto por Cadmo<sup>2</sup>; 3. matar os gigantes nascidos dos dentes semeados e; 4. matar o dragão que guardava o velocino no bosque sagrado.

Note-se que, até aqui, Jasão parece ser o típico herói, com as capacidades extraordinárias pautadas pela *Timé*, ou honorabilidade defendida a qualquer custo; e a *Areté* ou a excelência, a superioridade em relação aos outros. É isso, parece, o que o faz chegar até a Cólquida e enfrentar o rei.

Contudo, trata-se realmente de tarefas impossíveis, afirma Brandão (1993), que somente o amor poderia transmutar em possíveis. Aí está Medéia, a feiticeira que, loucamente apaixonada por Jasão, oferece ajuda em troca do seu amor. É a partir deste momento, em que Medéia toma as rédeas do destino de Jasão, que se produz o que chamo de adormecimento do herói. A sua *Timé* e a *Areté* parecem se desvanecer.

Finalmente, Jasão apresenta o velocino de ouro ao rei Pélias, em troca do trono, mas percebendo que o rei não cumpriria com a sua palavra, Medéia induz às filhas do rei a assassiná-lo<sup>3</sup>. Contudo, Jasão não assume o trono que estava livre, deixando que um dos argonautas, Acasto, o filho de Pélias, o sucedesse. E Acasto os expulsa pelos crimes violentos. O casal, que já tem dois pequenos filhos, vai para Corinto, estabelecendo-se na corte do rei Creonte.

Passado certo tempo, o rei oferece a Jasão sua filha Creúsa em casamento e a

---

1. Pele de ouro de um carneiro enviado por Zeus para salvar Frixo, descendente de Éolo, da morte preparada pela madrasta. Transportado pelo carneiro voador, Frixo foi levado até a Cólquida, onde sacrificou o animal e apresentou o velocino de ouro ao rei Eetes, quem lhe deu a mão da filha em casamento. O rei, por sua vez, consagrou a pele divina a Ares, desde então protegida, num bosque, por um dragão que nunca dorme (BRANDÃO, 1997).

2. Primeiro rei tebano, avô de Lábdaco, este último avô de Édipo (BRANDÃO, 1993).

3. Astutamente, promete às filhas do rei Pélias rejuvenescer o pai ancião. Para isso, faz uma demonstração: corta em pedaços um velho carneiro e o cozinha num caldeirão junto com as suas poções mágicas. O resultado convence as filhas, pois reaparece o animal novo e forte. Dessa maneira, as filhas despedaçam o pai e, claro, o rei morre; o filho que o sucede no trono expulsa Jasão e Medéia (BRANDÃO, 1997).

sucessão ao trono. Jasão aceita imediatamente, pois se trata de uma grande oportunidade de recuperar sua origem nobre e, assim, repudia Medéia (BRANDÃO, 1995; 1997).

Eurípides (1966) situa a sua tragédia justamente nesse momento em que Medéia toma conhecimento da decisão de Jasão e, profundamente ferida, inicia um quase monólogo em que clama por vingança.

Descendente de Hécate e Circe<sup>4</sup>, divindades da noite e da magia, invoca seu poder e trama, durante toda a peça, um terrível castigo para Jasão. Mata a noiva de Jasão e o rei, e, como estocada final, mata os próprios filhos, exibindo os cadáveres na frente do impotente Jasão. Foge com o auxílio do carro do seu avô, o deus Hélio, livrando-se da morte.

Sem dúvida, tanto no mito, quanto na peça de Eurípides (1966), baseada nesse mito, é a feiticeira que está em destaque. Porém, o que interessa aqui é a trajetória do herói, a sua *hýbris* (o descomedimento), o castigo dos deuses e a morte trágica. Assim, vamos buscar pistas de Jasão, não somente na tragédia de Eurípides (1966), onde apesar de ser o pivô do drama, aparece em segundo plano, mas principalmente nos mitos, aos que recorrerei com frequência para tentar compor, da maneira mais completa, esta personagem.

O mais típico da figura do herói mitológico é o abandono após o seu nascimento. A exposição deve-se à ameaça que o recém-nascido representa para o soberano, no caso o tio, Pélias. Temos, assim, no nascimento e imediato abandono, a falta angustiante e o desamparo, porém aliviado por uma peculiar figura mítica, Quirão. O centauro tem o poder de cura e, antes mesmo de iniciar Jasão nas artes heroicas, tratou das feridas do abandono. O nosso herói desenvolve capacidades excepcionais e inicia uma longa jornada, na Argo, com seus cinquenta heróis, em direção ao país bárbaro que abriga o velocino de ouro.

Mas, antes de seguir o herói, nessa travessia para a Cólquida, digamos algumas palavras em torno da aparência de Jasão.

Jasão apresenta-se ao rei Pélias usando longos cabelos, tendo o corpo coberto por uma túnica de couro e uma pele de leopardo, uma lança em cada mão e calçando uma sandália só, no pé direito.

O cabelo longo, segundo Vernant (1992), estava vinculado ao ingresso do jovem na idade adulta e, semelhante a um cavalo, isso marcava as suas características viril e bélica.

Quanto à pele de leopardo, além de ser conhecida a sua alusão à força e habilidade felina, apresenta a ambiguidade entre este mundo e o outro – não foi pranteado Diomedes, porque morto, que reaparece como Jasão? –, e representa também a ambiguidade entre o benéfico e maléfico (BRUNEL, 1997). Por outro lado, ela nos leva a pensar nas características típicas da ascendência divina do herói – aparentado a Ulisses e ao deus

---

4. Circe, a feiticeira, é irmã do rei Eetes, pai de Medéia.

Hermes –, a trapaça, o engano, o ardil, o gatuno, o oportunismo (BRANDÃO, 1993).

Sobre o peculiar detalhe, e talvez o mais enigmático, de calçar uma sandália só no pé direito, o historiador Robert Graves (1997) considera se tratar de um artifício utilizado por um guerreiro. Calçar apenas o pé direito, deixando o esquerdo descalço e posicionado para trás, servia de apoio ao corpo todo, sustentando-o no combate e, ainda, para desferir um golpe na virilha do adversário, considerado por isso o pé agressivo, o pé com o qual se partia para a guerra. Em contrapartida, esse pé jamais era o primeiro a ser posto na casa amiga, ali, entrava-se com o pé direito<sup>5</sup>.

Mas, para além da explicação histórica dessa prática, busco os possíveis sentidos em outros lugares dos mitos, e é dentro do universo do sagrado e da fantasia que faço dialogar o mito e a psicanálise.

Um interessante relato, de Dumézil (1995), sobre a mitologia escandinava será elucidativa. O autor apresenta, entre as divindades, aquelas que possuíam uma mão só, ou um só pé, ou bem um olho só, tendo perdido o par numa ação duvidosa ou fraudulenta e o seu significado singular. Eis um mito. Fenrir era um terrível lobo, mesmo jovem apresentava uma força extraordinária. Os deuses sabiam que quando crescesse devoraria todos eles, a menos que o detivessem logo. Odin mandou fabricar uma corda mágica, de aparência insignificante, pequena, mas com a qualidade de que nada poderá arrebentá-la. Como os deuses conheciam a perspicácia do lobo, propõem como desafio que ele se libere da corda. Fenrir aceita o desafio, os deuses tocaram no seu amor próprio, mas, desconfiado, exigiu que, durante o jogo, um deles coloque a mão direita dentro de sua feroz boca, afinal, pergunta o lobo, não se trata de uma brincadeira? Os deuses se entreolham, nenhum deles quer sacrificar a mão, somente Tyr se oferece. O resultado é o esperado, o lobo, aprisionado, fecha as mandíbulas.

Essa mutilação, continua o autor, indica que foi empregado um artifício jurídico pela divindade — aí está simbolicamente a mão direita —, porém, de caráter inteiramente fraudulento destinado a fazer o inimigo crer numa mentira. Contudo, há um sacrifício heroico em jogo e há, também, um inimigo enganado, mas cuja ameaça à sociedade justifica o caráter fraudulento. Dumézil (1995) aponta, ainda, que esse não é um evento restrito à mitologia nórdica, mas comum a muitas mitologias indo-européias.

Talvez Jasão, calçando uma sandália só, nos remeta a uma falta, a algo que se perdeu e, como algo que marca uma evidente incompletude, permite chegar, por associação, a um certo e aparente sentido de mutilação ou, no mínimo, de desequilíbrio. Trata-se do seu caráter, afinal de contas Jasão não teve nenhum mérito no seu percurso depois do encontro com Medéia e adquiriu fraudulenta e criminosamente o velocino, e, talvez o pior, cometeu

---

5. Nossa crença de entrar com o pé direito, como augúrio de sorte, remonta a esta época e a dos romanos.

perjúrio, falta grave, como veremos mais adiante, fracassando em todas as suas missões. Assim, Jasão nos defrauda como herói, pois os meios que utiliza não justificam os fins, que seria o seu devir heroico, a sua glória, guiados pela *Timé* e a *Areté*, como mencionamos.

Por sua vez, Brandão (1997) se refere à ordem estabelecida sempre pelo par: o homem sustenta-se em duas pernas; trabalha com seus dois braços e olha para a realidade com seus dois olhos. Tratar-se-ia, esta, de uma ordem par e, por isso, diurna, clara. Pelo contrário, há uma ordem oculta ou ímpar, transcendental, que coloca o indivíduo à margem da sociedade, pois neles a paridade foi prejudicada. Ao mesmo tempo, continua o autor – e isto nos remete à ideia de jurídico fraudulento de Dumézil (1995) –, o ímpar, ou o que atesta a incompletude, assinala a transgressão: “[...] o herói se ‘singulariza perigosamente’ [...] O *vidente*, como Tirésias, é *cego*; o gênio da eloqüência é *gago* [...] a mutilação tem pois dois lados, revestindo-se também da *complexio oppositorum*, possuindo, assim, valor iniciático e contra-iniciático” (BRANDÃO, 1997, p. 497, itálicos do autor). Retornaremos a essa oposição. Mas, é interessante apontar que, se por um lado falta calçar um pé, há, por outro, na aparência de Jasão, um excesso: ele porta duas lanças e não uma só. Tratar-se-ia de um equilíbrio em torno do pé descalço? Para Brandão (1993), a lança é um atributo militar e deve se submeter ao cetro, emblema real da justiça e da paz. “Quando essa hierarquia é quebrada, a lança confunde-se com a *hýbris*, com o descomedimento e a violência” (p. 199).

Mas, qual seria a *hýbris* do herói se ele se submete ao pedido dos dois reis, os atende, mas depois, quando enganado, se anula? Tentemos buscá-la na sua travessia na Argo, em direção à Cólquida, pois se trata de ver, aí, através de grandes tarefas e travessias probatórias a irrupção do heroico propriamente dito, com toda uma riqueza simbólica.

## OS ARGONAUTAS

Chamada de Argo, a nau foi construída por Argos, filho de Frixo, com a ajuda de Atená. A deusa ofereceu uma peça de madeira inteira, de procedência sagrada, para compor a proa, dotada, por isso, da capacidade de fala e de mântica<sup>6</sup>, porém restrita a apenas uma única manifestação (BRANDÃO, 1993). Este fato nos antecipa que Jasão é protegido de Atená.

Entre os heróis mais conhecidos, que compõem a expedição, encontram-se os dióscuros, Castor e Pólux, irmãos de Helena e Clitemnestra; Orfeu, que neutraliza com seu talento o mortal canto das sereias; o próprio Argo; Acasto, filho do rei Pélias; diversos filhos de deuses como Ergino e Etálides, além de Hércules, filho predileto de Zeus.

Após a construção da nau Argo, Jasão decide oferecer a direção da expedição a

---

6. Arte de prever o futuro.

Hércules, que a recusa, alegando ser sempre o organizador da expedição seu legítimo líder. Jasão não se sente seguro? Delega a sua tarefa a quem considera ser mais forte? É a mesma lógica que o submete ao amor ilimitado de Medéia? Ou apenas se trata de um cuidado necessário diante do impulsivo e terrível Hércules?

Continuemos com a expedição. A primeira parada ocorre na ilha de Lemnos, onde havia somente mulheres, pois numa revolta, todas elas haviam assassinado seus maridos<sup>7</sup>. Para povoar a ilha, as mulheres convidaram os Argonautas que, seduzidos pela beleza das mulheres, aceitaram a hospitalidade. Muitos filhos nasceram dessas uniões e o trono vago foi oferecido pela rainha Hipsípila a Jasão, que não aceitou, pois devia cumprir a sua missão (BRANDÃO, 1993, 1995).

Enquanto isso, cansado de esperar no navio que cuidava, Hércules entrou na cidade e chamou os Argonautas para continuar a viagem, se ainda quisessem conquistar o velocino de ouro. Embarcaram e se detiveram na ilha do rei Cízico, onde foram recebidos com toda a hospitalidade gentil. Permaneceram um dia e, depois de grandes banquetes, partiram novamente. Mas uma tempestade desorientou a nau e, nas proximidades de uma ilha, foram ferozmente atacados por guerreiros. Travou-se uma luta terrível, na absoluta escuridão. Os argonautas venceram, porém com os primeiros raios de luz, perceberam que se tratava dos seus anfitriões. O rei Cízico jazia aos pés de Jasão. Na tempestade, a nau deu uma volta e retornou à mesma ilha de onde tinham partido. Os soldados do rei, acreditando que se tratava de piratas, atacaram e o rei juntou-se a eles na batalha (BRANDÃO, 1993; GRAVES, 1997).

Jasão organizou magníficos funerais, instituiu jogos fúnebres e durante dois dias se lamentaram e expiaram o erro involuntário. Notemos que Jasão lutou bravamente, derrotou o próprio rei, o que nos aponta para seu ato heroico, mesmo que se tratasse de um terrível engano, ou que o rei fosse um homem velho, mas o enfrentamento se deu às cegas.

Depois do incidente, continuaram a viagem. Então, como diversão, os heróis resolveram fazer um concurso para verificar quem remava mais tempo sem parar. Todos os heróis foram desistindo, aos poucos, vencidos pela fadiga, exceto Jasão e, claro, Hércules. Mas em determinado momento, sob a força bruta, Hércules quebra seu remo. Jasão, então, declara o empate e resolve parar numa ilha para repousar e para que Hércules pudesse restituir o remo. Os Argonautas embarcaram no dia seguinte sem dois dos seus companheiros, Hércules que, desesperado, foi atrás do jovem companheiro Hílas<sup>8</sup>, raptado pelas ninfas. Agora sem Hércules, talvez Jasão pudesse ser o melhor...

Segundo Brandão (1993), a nau chegou na ilha do rei Âmico que, em troca de água

7. Vingança terrível impôs Afrodite às mulheres de Lemnos. Como não a cultuavam, provocou nelas um mal cheiro constante em todo o seu corpo, de tal maneira que os homens as trocaram pelas escravas da Trácia (BRANDÃO, 1993).

8. Hílas era filho do rei Teiódamas. Hércules, depois de vencer o rei, durante uma guerra, seduzido pela beleza do jovem raptado e faz dele seu companheiro (BRANDÃO, 1993).

e alimentos, desafiava os viajantes a um duelo de pugilato. Tratava-se de um gigante, filho de Posídon, que lançava a todos seus adversários do alto de um rochedo. Pólux, um dos argonautas, habilidoso nessa arte e filho de Zeus, aceita o desafio e vence o rei, saqueando o palácio a seguir. Antes de partir, Jasão oferece em holocausto, vinte touros vermelhos para Posídon, pai do rei vencido.

Em seguida, os heróis partem e fazem nova parada na Trácia, onde são recebidos pelo rei Fineu. Jasão lhe pergunta como conquistar o velocino de ouro e o rei, cego e atormentado por uma maldição – profetizara aos mortais desígnios divinos proibidos –, pede que o liberte em troca de informação. Tratava-se das Harpias que lhe roubavam todos os dias todos os alimentos servidos à mesa e devolviam fezes ou restos decompostos. Dois dos Argonautas, que tinham o dom de voar, perseguiram as aves com cabeça de mulher, livrando o rei de tal tormento. Note-se que não é Jasão precisamente quem executa essas difíceis tarefas, digamos que muitos dos benefícios chegam através dos outros, pois se trata de uma grande expedição com muitos heróis. Isso não seria digno de destaque, se não tivéssemos como desenlace final a fúria de Medéia.

Continuemos com o relato de Brandão (1993). Em retribuição, o rei indicou o caminho e advertiu que antes de passar entre as Simplégades, os rochedos móveis, enviasse primeiro uma pomba. Caso os rochedos deixassem a pomba passar, indicava que a nau teria o caminho livre. Chegando na Cólquida, Jasão deveria invocar Afrodite.

A pomba passa, perdendo apenas a parte final das asas e encoraja os argonautas a continuar. Nessa perigosa travessia pelo mar, a lira de Orfeu tocou e o seu divino canto abafou o apelo mortal das sereias. Também passam pelo país das Amazonas, perdem alguns heróis, mas continuam o seu caminho, chegando finalmente a Cólquida.

Enquanto isso, no Olimpo, Hera e Atená discutem como ajudar Jasão, seu protegido, a conquistar o velocino de ouro. Recorrem a Afrodite, que rapidamente se dispõe a agir. Pede a seu filho Eros que lance uma flecha em Medéia para acender a chama do amor; em troca, Afrodite lhe oferece o brinquedo de Zeus, de quando este era criança.

Não somente Eros lança a sua flecha, como Afrodite assegura a duração do efeito através de um procedimento mágico. Amarra um pássaro, em cruz, numa pequena roda (GRAVES, 1997). Jasão, talvez, seja a ave que não poderá mais voar.

É assim que o herói se apresenta ao rei Eetes, quem, em troca do velocino de ouro, lhe propõe a realização das quatro tarefas que mencionamos acima: pôr o jugo em dois touros selvagens; lavrar uma extensa área e semear os dentes do dragão morto por Cadmo; matar os gigantes nascidos dos dentes semeados e; matar o dragão que guardava o velocino no bosque sagrado.

Se não fosse por Medéia apaixonada, talvez aqui se encerrasse a ousadia de Jasão,

pois não teria como se defender em terra inimiga, mas talvez morresse como herói. Assim, atingida pelo amor, a feiticeira pede a Calcíope, sua irmã, que leve uma mensagem para Jasão, chamando-o, em segredo, aos seus aposentos. Jasão aceita imediatamente a ajuda e sela o compromisso com o juramento solene de leva-la com ele, fazê-la sua esposa e ser-lhe fiel a vida toda. E um juramento é sagrado.

Realizadas as tarefas impossíveis, graças à mágica de Medéia, Jasão reclama o prometido, mas o rei se recusa entregar o velocino de ouro e ameaça incendiar Argo. Mas no silêncio da noite, Medéia leva Jasão e alguns dos argonautas ao bosque, onde adormece o dragão que guarda o velocino de ouro e o entrega ao herói. Em seguida, os leva onde estava retida Argo e embarcam rapidamente em fuga. Mas os sacerdotes que cuidavam da nau dão o alerta e se inicia uma perseguição. Foi então que Medéia assassinou o irmão Apsirto, levado como refém, e espalhou seus restos no mar, obrigando o pai a se deter recolhendo os restos do filho para dar-lhe sepultura.

É então que a nau fala pela primeira e última vez. Indica que não continuará a viagem com Medéia e Jasão, se eles não forem purificados do crime cometido. Motivo pelo qual se detiveram na ilha da maga Circe, tia de Medéia.

O rei Eetes continua a perseguição e ordena que Medéia e o velocino sejam levados de volta. Porém, tendo se efetivado a união matrimonial, Medéia permanece junto a Jasão e partem para a Grécia. Chegando em Iolcos, Jasão inteira-se da triste sorte dos seus, todos foram assassinados pelo seu inimigo, o rei Pélias (BRANDÃO, 1995; 1997).

Os Argonautas decidem atacar e matar o rei, mas Acasto se recusa a participar porque não pode combater seu próprio pai. Decidem, então, voltar cada qual a seu lar e, no momento oportuno, se unir a Jasão no ataque. Neste momento, Jasão está paralisado. Mas, eis que Medéia novamente propõe uma solução. Ela entraria sozinha na cidade e, quando os Argonautas vissem o sinal de tochas balançando no alto das torres, deveriam entrar e tomar a cidade que estaria livre.

É assim que Medéia entra na cidade, disfarçada de sacerdotisa de Ártemis. Dançando freneticamente, junto com as escravas da expedição, chamou a atenção do rei e de suas filhas. Medéia mostra, então, os seus poderes ao rejuvenescer um animal e, ante a surpresa do rei e das filhas, promete o mesmo para rejuvenescer o idoso rei. Convencidas somente duas filhas, espartejam o pai em pedaços e o colocam num caldeirão, seguindo as instruções de Medéia. Logo, a feiticeira as leva até a torre para que, com tochas acessas e em movimento, pronunciassem os encantamentos. O rei está morto, pois Medéia ditou as instruções pela metade e os heróis, tendo avistado os sinais, invadiram e tomaram a cidade.

Mas, vimos, Jasão não teve coragem de assumir o trono, apesar do apoio dos



Argonautas, preferindo deixá-lo para Acasto, o filho do usurpador (BRANDÃO, 1995, 1997; GRAVES, 1997). E aqui fica mais clara essa falta de coragem que acompanha Jasão, talvez desde o começo, pois um herói não duvidaria em tomar o trono que por direito lhe pertencia, mesmo que o preço fosse muito alto e, mais ainda, se devesse vingar os seus. Não é no confronto com a autoridade por onde se envereda a *hýbris* de Jasão, sua lança não se sobrepõe ao cetro; ao contrário, o mito nos mostra sua obediência total a Pélias e a Eetes, que lhe impõem tarefas mortais e diante das quais, impotente, Jasão se submete ao poder fálico de Medéia.

E chegamos em Corinto, Jasão aceita a proposta do rei Creonte e deixará Medéia para se casar com Creúsa. Deixemo-nos guiar por Eurípides (1966).

## O DUVIDOSO CARÁTER DE JASÃO

Os lamentos da ama de Medéia cobrem a cena. Ultrajada pela traição de Jasão, Medéia sofre, chora em silêncio, dá-se conta dos bens que perdeu: seu pai, sua pátria, sua casa, seu irmão... Mas, sobretudo, ruma o seu ódio porque Jasão optou por aquilo que era mais conveniente para si próprio. Temos aí anunciada a *hýbris* de Jasão, a quebra de um juramento sagrado, descomedimento que exige uma punição divina. Assim, em cólera, Medéia invoca a três divindades para se vingar. Primeiro, clama por Ártemis, que se liga às divindades da noite, como Hécate e Perséfone e, juntas, formam as três faces da Grande Deusa Mãe (BARROS, 2001). Segundo, clama por Témis, deusa da justiça e, terceiro, clama por Zeus, testemunha dos juramentos dos mortais.<sup>9</sup>

É interessante apontar para o duplo caráter religioso do juramento. Por um lado, ele implica a invocação do divino, perante o qual se declara um compromisso e, por outro, o juramento implica uma impreciação, através da qual se prevê um castigo, caso seja a palavra violada (LAROUSSE du XXe siècle, 1952), o que nos lembra o sagrado de “Totem e Tabu” (FREUD, 1991).

Anuncia-se, assim, um desenlace trágico para Jasão, sobretudo porque Medéia ainda será humilhada por Creonte, o rei, que a expulsa do país junto com seus filhos. Creonte sente o perigo que se avizinha e diz: “Tu, a triste figura, tu, a esposa em furor [...] Tenho medo de ti [...] medo que faças um mal irreparável à minha filha” (EURÍPIDES, 1966, p. 144-145. Solerte e suplicante, Medéia pede um dia pelo menos, para preparar a sua partida e apela para a triste situação das crianças, lembrando que o rei também é pai. Ingênuo, Creonte aceita, não sabe que para Medéia um dia será suficiente para se vingar!

---

9. Os juramentos também eram sagrados entre os deuses. Zeus instituiu como testemunha sagrada do *hórkos* – os terríveis juramentos divinos –, as águas do rio Estige. Foi precisamente o juramento de Zeus a Sêmele, de em tudo satisfazê-la, que a destruiu. Sêmele pediu que o deus se revelasse em toda sua plenitude, e Zeus, não podendo quebrar seu juramento, mostrou seu poder mortífero, sendo tal epifania que matou sua amante (BRANDÃO, 1997).

No segundo episódio da peça, Jasão aparece pela primeira vez. Dirige duras palavras a Medéia por ter ofendido os mais fortes, e faz um discurso sobre não contrariar aos nobres. Que longe está Jasão do heroísmo, o que vai revelando de forma mais clara a sua submissão. De fato, Jasão se submete à força do outro, como Hércules, e aos reis que o humilham, pois não defende a sua honra. Mas, também e, sobretudo, se submete às mulheres que possam lhe trazer benefícios pessoais. Voltaremos a este tema mais adiante.

Assim diz ele a Medéia:

O que dizes não me preocupa, e podes repetir  
por toda a parte que Jasão é o pior dos homens.  
Mas após tua maledicência contra nossos soberanos  
considera-te feliz de ter que partir para o exílio.  
Quanto a mim, sempre fiz o que pude  
para dissipar a cólera real, porque eu queria te assegurar  
a permanência.  
(EURÍPIDES, 1966, p.153).

Eis a resposta:

Oh, o último dos cínicos. [...]  
Eis-te, diante de mim, meu maior mortal inimigo,  
dos deuses também, de todo o gênero humano.  
Vilipendiar os seus e depois vir os olhar de frente, isso não exige audácia nem  
bravura,  
mas apenas a imprudência, fonte dos  
maiores vícios.  
[...] E depois de ter aceito tanto de mim, oh, mais vil dos homens,  
tu me traís, tu escolhes um outro leito,  
mesmo tendo filhos nascidos de nós! [...]  
*Esquecidos, teus juramentos que eu acreditei! E não compreendo  
se crês destronados esses deuses por quem juraste,  
ou se crês que o mundo está regido por novas regras,  
porque estás consciente de teu perjúrio diante de mim*  
(EURÍPIDES, 1966, pp. 153-154, itálicos meus).

Compreende-se a fúria de Medéia, que renegou a família, a pátria e tornou-se assassina. Mas, e Jasão? Qual papel tem nesta lista de infelicidade que Medéia reclama? Vamos ouvi-lo:

Precisarei, penso, ser bom orador,

e como hábil piloto recolher minhas velas a tempo se quero escapar à tua furiosa eloquência. Mulher, fazes soar demasiado alto o que fizeste por mim. É a Cipris<sup>10</sup>, ao que parece, que minha navegação deve sua salvação, à nenhum outro deus ou mortal [...]. (EURÍPIDES, 1966, p. 155, itálicos meus).

Jasão sabe que Cipris tocou o coração de Medéia fazendo-o conceber um amor doentio por ele. E é com esse argumento que se furta a assumir sua responsabilidade e, sobretudo, a sua cumplicidade. Em *Hipólito*, Eurípides (apud MARTINEZ, 2020) também mostra o efeito devastador do amor. Se Afrodite se vale de Fedra para castigar Hipólito, porque a desprezara, aqui, também Medéia é um instrumento, seja da vingança de Hera contra Pélias, que não a cultuava, seja do amor das deusas por seu protegido. Mas avancemos um pouco mais com as palavras (altaneiras?) de Jasão.

És sutil e me compreendes, mas ser-te-a desagradável reconhecer que o amor te constrangeu, que não pudeste parar suas flechas e eis aí porque me salvaste. Mas vejo bem que não há que olhar demasiado perto. Seja qual for a razão, não desmereço teu pequeno auxílio O que recebeste, contudo, em troca da minha salvação? Muito mais certamente do que deste, e me explico. Vives na Grécia, e não mais em terra bárbara<sup>11</sup>. Conheces a justiça. Aprendeste a viver sob as leis e não mais ao sabor da violência<sup>12</sup>. Nenhum grego ignora mais como és sábia. Tu encontres a glória. Se ficasses lá, naqueles confins do mundo, não se falaria de ti [...] Quanto à união real pela qual me reprovos, é precisamente com ela que vou te provar o que atesta minha sabedoria, em seguida a minha prudência e, enfim, o grande amigo que sou para ti e para meus filhos. (EURÍPIDES, 1966, pp. 155-156).

10. Outro nome de Afrodite.

11. Segundo Robert Graves (1997), a Cólquida situava-se numa região considerada bárbara pelos gregos. As grandes rochas do mar, as Simplégades, que se abriam e fechavam, esmagando qualquer navio que pretendesse atravessar, representavam a fronteira entre o mundo civilizado e o bárbaro.

12. Uma das versões do mito relata que Medéia, vítima da violência do rei Eetes, era obrigada a sacrificar todo estrangeiro que chegasse na Cólquida. Para libertar-se, Medéia propõe a Jasão o acordo (BRANDÃO, 1997).

Com esses argumentos, Jasão, não só se esconde atrás da força inelutável da deusa, mas faz surgir o seu orgulho grego, talvez na tentativa de não cair mais baixo. Por isso sustenta ter havido, no mínimo, uma troca igual: a ajuda de Medéia (totalmente inescrupulosa, bárbara) em troca do seu mundo civilizado. Por outro lado, com o seu próximo casamento, ele acredita poder provar a sua própria sabedoria, a sua prudência e amizade. Ora, nenhuma das três qualidades pode ser atribuída a Jasão. Paralisado, o herói deixou-se levar totalmente por Medéia, cuja natureza terrível manifestou-se desde o começo. Mas acreditando-se realmente sábio, argumenta:

Calma, te peço.

Vindo aqui como emigrante, depois de deixar lolcos  
arrastando comigo milhares de inextricáveis problemas  
poderia eu encontrar oportunidade mais feliz  
que esposar uma princesa, *eu um banido?*

Tu te amargas acreditando que te tomei em desgosto.

Ah! não é o amor que me empurra para a outra,  
nem a ambição de ter mais filhos. [...]

Desejo criar meus filhos como convém ao meu nascimento.

Dando irmãos aos filhos nascidos de ti,  
os colocarei na mesma altura, farei da minha linhagem uma só e viverei feliz.  
(EURÍPIDES, 1966, p. 156, itálicos meus).

O corifeu adverte Jasão que apesar do seu hábil discurso, foi um ato injusto abandonar a esposa. Mas os argumentos de Jasão correspondem, nos parece, a um despertar de sua natureza heroica adormecida. Temos aí surgindo uma faísca da sua *Areté* (excelência, superioridade em relação aos outros), pois não esquece a sua nobre origem, e da sua *Timé* (honorabilidade defendida a qualquer custo), ao tentar mudar sua sorte, ele, um banido. Perderam-se essas qualidades do herói, talvez, nas paragens do mundo bárbaro?

Medéia não aceita os argumentos de Jasão e considera que deveria ser punido por suas palavras traiçoeiras. Percebe também a ambição do herói, quanto as suas origens nobres e diz:

Medéia: [...] ligada a uma bárbara vias, diante de ti, uma velhice sem honra.

Jasão: Tenhas certeza do que afirmo: não foi pela mulher, de maneira alguma,  
que me uni, como o fiz, à casa real, mas, como disse, para te salvar,

e para dar aos meus filhos

irmãos que serão reis, amparos da minha casa.

(EURÍPIDES, 1966, p. 157).

Se se considera que os casamentos com estrangeiros eram proibidos para um grego, os filhos de Jasão e Medéia, apesar da origem nobre desta última, são considerados bastardos. Isso justifica a preocupação com o futuro dos filhos, além de que todo herói não poupa esforços – ou sua *hýbris*? – para realçar a sua origem e para prolongá-la na sua descendência.

Jasão: Saiba mudar o tom, recuperar a sabedoria,  
não ver o mal no que é bom,  
nem tua desgraça naquilo que te serve.

Medéia: Insulta-me. Pois sabes onde te refugiar.

Eu estou só e banida.

Jasão: É o que tu quisseste. Não acuses a mais ninguém senão a ti mesma.

Medéia: Como? Tomei eu, uma mulher? Eu trai-te?

Jasão: Tu maldisseste nossos reis em termos sacrílegos.

Medéia: Sim, e sou, para tua casa, uma maldição vivente.

Jasão: Se o tomas assim, para quê discutir mais.

Mas, saiba se para tua partida e a das crianças  
posso te ajudar com meus recursos, [...]

Será necessário ser louca, mulher, para recusar estes  
oferecimentos.

Acaba com tua cólera, isto será tudo lucro para ti.

(EURÍPIDES, 1966, p. 158).

É interessante a acusação contra Medéia, de ter insultado os reis em termos sacrílegos, mas não foi Jasão que quebrou um juramento sagrado? Jasão, por outro lado, continua submisso ao rei.

Medéia diz: “Meu grande pecado, cometi-o no dia em que / deixei a casa paterna, fiando-me nas palavras de um grego.” (EURÍPIDES, 1966, p. 169). E, ainda, referindo-se ao castigo reservado para Jasão: “Nada morderia mais duramente o coração do meu marido” (p. 170).

Ora, como bom descendente de Hermes, pela parte do seu avô, Autólico, e aparentado a Ulisses, Jasão revela a sua face trapaceira, solerte e todos os adjetivos próprios que qualificam o deus mensageiro<sup>13</sup>. Talvez assim seja possível compreender um pouco a quebra do juramento e o despertar de Jasão, como herói às avessas, mas

---

13. Conta o mito que Hermes, o deus mensageiro, logo no primeiro dia em que nasceu, levantou e roubou parte do gado cuidado por Apolo (BRANDÃO, 1993).

decorrente do seu marcante oportunismo. Eis que começa a ficar clara a sua transgressão, simbolizada no uso de uma sandália só.

Medéia muda e leva a cabo seus planos. Primeiro chama Jasão e lhe declara o seu arrependimento. Concorde com os argumentos do herói, chama os filhos e carinhosamente diz-lhes que tudo ficou acertado. Então, suplicante, Medéia pede para que Jasão interceda junto ao rei para que os filhos permaneçam com ele, precisamente para que sejam criados como ele planejou; em troca, compromete-se a partir logo.

Sugere que peça a sua esposa, para que seja ela quem interceda pelas crianças junto ao pai. E vejamos como habilidosamente a feiticeira se aproveitará da vaidade do herói para, mais uma vez, dominá-lo.

Jasão: A ela, com certeza, sou obrigado a persuadir.

Medéia: Sim, não é? é uma mulher como todas as outras.

Mas eu quero também te ajudar nesse assunto.

Enviar-lhe-ei presentes cuja beleza ultrapasse

tudo o que os homens de hoje viram, tenho certeza.

Trata-se de um véu ligeiro, e uma tiara de ouro trançado.

As crianças levarão. Rápido, que uma servente traga os presentes.

São muitas as alegrias que esperam a tua mulher!

Partilhar o leito do *herói que tu és*,

possuir as jóias que outrora o Sol,

meu avô, doou aos seus descendentes!

Tomem nos vossos braços, meus filhos, a cesta dotal,

ide presenteá-la a princesa, a venturosa desposada.

Levai tudo isso.

Não são desprezíveis os presentes que ela ganhará.

Jasão: Mas, você enlouqueceu? Porque queres te desfazer deles?

Crês que há falta de vestidos na casa real, que falta ouro? Guarda bem tudo isso, não dê nada.

Se minha mulher me leva em conta,

*sou eu* que contarei para ela, sei bem, muito mais que essas jóias.

Medéia: Não me venhas falar assim. Os presentes, diz-se, dobram até os deuses,

e o ouro no coração dos mortais, vale mais do que cem discursos [...]

Ela é jovem, ela é rainha. E eu, por evitar o exílio dos meus filhos,

daria até minha vida e não somente o ouro.

(EURÍPIDES, 1966, p. 175-176, itálicos meus).

A cilada está posta. Jasão conduz os filhos ao palácio, levando os presentes.

O coro lamenta e, dirigindo-se a Jasão, diz:

E tú, infeliz, que traíste tua companheira  
para ganhar a aliança dos reis,  
na cegueira, conduziste teus filhos a sua perdição e  
tua jovem esposa à mais assustadora agonia.  
Desafortunado, não vês para  
onde o destino te arrasta.  
(EURÍPIDES, 1966, p. 178).

Voltam mais tarde as crianças; os presentes foram aceitos.

E Medéia nos deixa ouvir a sua dor e suas dúvidas. Trata-se de um momento dramático, onde o poeta vai levar ao acontecer vertiginoso do desenlace da tragédia. Medéia decide matar os próprios filhos, mas vacila. O seu amor a faz recuar, por instantes o seu coração fraqueja e sofre pela sua própria decisão. Contudo, deve levar até o fim os seus planos, tanto para castigar Jasão e evitar que ele mesmo tome as crianças, quanto para evitar que os inimigos possam rir dela, pois o seu orgulho está ferozmente ferido. Não se trata apenas de ter sido abandonada por Jasão, mas considerando que na Grécia era impossível ter mais de uma esposa – máximo uma esposa e uma concubina –, para casar com Creúsa, o herói teve de repudiar publicamente Medéia. O ultraje foi grande para quem fez tudo pelo herói.

É interessante apontar que a decisão de matar os próprios filhos, para privar o pai deles, como castigo, nos remete a outro assassinato que também privou um pai do filho. Lembremos que Medéia assassina o irmão.

O fim da peça mostra Jasão que chega não somente para deter Medéia, mas para tentar salvar seus filhos da fúria da cidade, por causa do crime da mãe.

Acima da casa, eleva-se um carro puxado por dragões alados. Nele, Medéia, junto aos cadáveres dos filhos, encontra Jasão.

Medéia: [...] se é a mim que tu buscas,  
estou aqui, fala, mas jamais tua mão me tocará.  
Ves este carro. É o Sol, pai do meu pai, que me deu.  
Nenhum inimigo saberá me atingir.  
Jasão: Oh maldita! a mais odiosa das mulheres,  
horror dos deuses, de mim, do género humano,  
tu que ousaste levantar uma faca  
contra aqueles que trouxeste ao mundo,



e que me matas ao tirá-los de mim. [...]

Que os deuses te destruam! Agora, estou em pleno uso da minha razão.

O dia da minha loucura foi aquele em que te tirei de tua casa, de teu país bárbaro,

para trazer-te a uma casa grega, quem deveria perecer eras tu, que traíste teu pai e a terra que te alimentou.

O demônio agarrado a ti, os deuses o lançaram também contra mim, no momento em que, diante do teu lar, mataste teu irmão, antes de subir na Argo de bela proa.

Assim foram teus começos. Foste desposada por mim, sim, por mim, deste-me filhos que destruístes no teu ciúme de mulher e de amante.

Jamais encontrou-se uma grega que ousasse o que tu ousaste, tu que preferi a todas, desposei contigo ao ódio e à ruína, uma leoa e não uma mulher, mais selvagem que a Cila do estreito tirreniano.

Poderia te lançar milhares de insultos, eles não te atingiriam, tal é tua arrogância.

Morre, então, infame, manchada com o sangue do teus filhos.

Não me resta mais do que chorar pela minha sorte.

Meu novo casamento, eu não poderei fruir.

Os filhos que engendrei, eduquei, não os tenho mais vivos diante de mim, eu os perdi.

(EURÍPIDES, 1966, pp. 193-194).

Jasão diz, finalmente, o que pensa. As suas aspirações inescrupulosas lhe fazem ver somente agora o que Medéia foi capaz.

Isso nos leva ao *complexio oppositorum*, acima mencionado. O que temos, aí, e retomemos o tema da ambiguidade em torno de um pé descalço, é um movimento ritualístico de iniciação de Jasão no seu devir heróico duvidoso. Foi visto como na própria travessia são os diversos heróis, com suas qualidades, que vão permitindo a chegada a Cólquida, embora chefiados pelo herói. Isso por um lado; por outro, é Medéia que assume o resto das tarefas nefastas e terrivelmente bem sucedidas na sequência. Ora, se consideramos que a travessia de Jasão seria o próprio ritual iniciático do ser heroico, o momento seguinte é contra-iniciático, quando o herói se abandona à força de Medéia e passa a depender

unicamente dela. A *Timé* e a *Areté* se desvanecem, o oportunismo de Jasão não está a serviço da sua glória. Contudo, e diante da possibilidade de ascender novamente a um trono, temos o que parece ser o despertar do herói, pois reivindica para si a liberdade, qualidade fundamental de todo herói. Mas, para isso, é necessário que Jasão rompa com a dependência que o liga à maga. Essa ruptura, como vimos, é fatal. Na tentativa de trocar de meios (as esposas) para alcançar suas ambições passivas, Medéia é mais forte.

Soluçando, Jasão invoca as Erínias dos filhos e a justiça para o devido castigo. Ao que, ironicamente, Medéia pergunta se realmente acredita que algum deus possa escutá-lo, depois de ter sido ele quem violou o juramento.

O carro de Medéia simplesmente desaparece. O final da peça, com seu fantástico *deus ex machina*, nos deixa uma interrogação frente ao destino de Jasão.

## **PARA TERMINAR: JASÃO, O FILHO CONSORTE DA MÃE**

Sabemos apenas que Jasão ficou errante, segundo algumas versões. Outras dizem que, depois da tristeza, decidiu retomar suas viagens na Argo. O fato é que um dia, enquanto descansava placidamente na nau, uma grande viga caiu e esmagou-o. Castigo dos deuses? Talvez. Sua morte foi trágica, mas não pela maneira de morrer, e sim pela solidão e a humilhante submissão. Jasão parece ter se recusado à luta heroica, para ficar preso no regaço de Medéia. A sua mãe edípica? Essa seria a marca de sua transgressão antecipada numa sandália só? Se, por um lado, é protegido de Hera e Atená, e diante da vontade divina nada pode ser feito, muito menos diante da força de Afrodite, por outro lado, talvez esse aspecto maternal dessas mães poderosas, o tenha seduzido em Medéia. Ela impede, com a sua magia, a travessia completa do devir heroico de Jasão. O mesmo se repete com Creúsa, pois é novamente uma mulher, a terceira<sup>14</sup>, que lhe oferecerá algo sem esforço nenhum; neste caso, conduzi-lo de volta à nobreza.

## **AVANCEMOS MAIS UM POUCO COM ESSAS INDAGAÇÕES.**

Medéia é, antes de mais nada, uma feiticeira e, por tanto, nos remete a algo primitivo, forças e objetos ocultos, mágicos e poderosos. Como o atestam suas poções-fezes, seus venenos-fezes, a sua falicidade com seus filhos, o seu canibalismo ao despedaçar o corpo do irmão e o corpo de Pélias e a sua fusão com Jasão.

E nessa relação fusional, em que Medéia fez uma unidade, transformou-se na mãe-amante de Jasão. O seu ventre poderoso gerou, não somente venenos e poções para amarrar fortemente seu corpo ao de Jasão<sup>15</sup>, como também gerou dois bebês, filhos

14. Lembremos que, antes de Medéia e Creúsa, a rainha Hipsípila havia lhe oferecido o trono.

15. Lembremos também do feitiço de Afrodite, imobilizando o pássaro.

incestuosos. A morte dos mesmos seria uma castração, como a perda dos olhos em Édipo?

A castração é aí algo que marca, ou é um desastre insuportável? O herói está, agora, marcado pelo limite e segue como homem (decide se casar), ou está preso estocado no momento da angústia de castração?

E ainda, o pé descalço corresponderia ao pé de Édipo? Vernant e Vidal-Naquet (1973) nos falam de Édipo – *Oidípous*. O pé inchado – *oídos* –, do qual deriva o seu nome, claudica. Um pé que faz fugir as bestas selvagens e isola os humanos na esperança vã de fugir dos oráculos, um pé, enfim, terrível. E nessa falta de firmeza do pé que manca, continuam os autores, está a criança maldita, rejeitada por seus pais, exposta para morrer na natureza selvagem. Mas Édipo também é alguém que sabe – *oída* – o enigma do pé – *poús* –, formulado pela Esfinge: qual é o ser, ao mesmo tempo, *dipous*, *tripous*, *tetrápous*? O homem é a resposta; mas, mais que uma resposta, formula um outro enigma: quem é o homem que é Édipo? Ou seja, diz respeito à própria origem. Aliás, é isso que Freud (1990) propõe, ao dizer que o verdadeiro enigma da Esfinge é sobre a nossa origem. Assim, as portas de Tebas se abrem e permitem que se dissimule sua verdadeira identidade de parricida e incestuoso (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1973).

Nessa claudicação<sup>16</sup> (o pé que deu um mal passo?) portadora de um enigma, encontra Édipo a sua natureza alheia ao humano porque regido por leis sagradas. Ele se anula enquanto humanidade, pois tudo se mistura, a ordem no espaço e no tempo desaparece. No leito que o pai deitou, deita-se ele; no mesmo espaço onde ele foi gerado, foram também gerados seus filhos: o ventre de Jocasta, mãe-esposa. Seus filhos que são irmãos... Igual a si mesmo, não é nem deus e nem humano; “como as peças isoladas do jogo de dama, vive sem regras, sem conhecer nem a diferença, nem a igualdade, na confusão da anomia” (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1973, p. 129).

Jasão tenta sair dessa (con) fusão ao se decidir pelo casamento. Colocada uma certa ordem e distância dos perigos edípicos, submete-se, mais um vez ao soberano, o pai, Creonte. Ora, isto recoloca a impossibilidade de fazer a travessia heroica que precisamente consiste em contestar a autoridade do pai, que é precisamente o que permite a saída do edípico. Jasão permanece adolescente, marcado pela culpa e a cumplicidade.

E Medéia não perdoa essa tentativa de Jasão de se libertar da sua influência. Assim, os bebês incestuosos do seu corpo, os venenos e presentes, seus objetos, todos eles Medéia precisa evacuar, porque a matam<sup>17</sup>. Dessa maneira, esvazia-se também de Jasão, castrando-o como vingança.

---

16. Brill (1997) se refere à claudicação (monosandalismo) de Jasão, como a imperfeição diante da perfeição da cultura que impõe as grandes proibições, como o incesto, o assassinato e a omofagia, através da figura do pai.

17. O interessante artigo de Hélène David, “Les mères qui tuent” (1999), segue o relato de várias mulheres presas que praticaram o filicídio. Para a autora, os filhos, muito amados por essas Medéias, representam a si mesmas numa espécie de auto-engendramento, e devem materná-la, mas, diante do perigo de abandono, devem ser assassinados.

Jasão é o homem que truncou seu devir heroico, embalado pelo corpo maternal e fálico das mulheres que o protegeram: Hera, Atená, Afrodite, Medéia, Creuza... O menino que perdeu a sua sandália precisamente ao atravessar um rio lamacento, carregando nos seus ombros uma velha mulher, cuja hierofania<sup>18</sup> lhe revela se tratar de Hera. Seu mito será ilustrativo, para finalizar, começando com seu próprio nome que está associado à palavra *Senhora* e, também, *Terra*, e o seu culto é anterior ao surgimento dos deuses olímpicos.

O seu filho, que nasce do seu ventre, torna-se seu amante. Representado pelo touro-lua e como deus da vegetação, fertiliza a deusa-terra no seu retorno anual ao corpo da deusa, para dele nascer novamente em cada primavera. Zeus, não nasceu do seu ventre, mas foi criado por ela, deusa-irmã, transformando-se, assim, numa espécie de mãe-amante. Aquiles e outros tantos heróis, são também considerados filhos da deusa-mãe; dela deriva também o nome de Hércules, o herói dos heróis, ou a glória de Hera.

Mas o filho da deusa somente se transformará num herói quando se coloque ao serviço de um deus. Jasão nos mostra o caminho inverso, de herói, transforma-se no filho-consorte de Medéia. Assim, castrado e solitário, morre sem nenhuma glória, sem deixar a marca da sua existência. Podemos dizer que o herói morre junto com a famosa travessia dos Argonautas, entregando o velocino de ouro para Pélias a troco de nada.

## REFERÊNCIAS

BARROS, M. N. A. *As deusas, as bruxas e a Igreja: séculos de perseguição*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2001.

BRANDÃO, J. S. *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1993. Vol. 1.

BRANDÃO, J. S. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1995. Vol. 2.

BRANDÃO, J. S. *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1997. Vol. 2.

BRIL, J. Um message de l'homme à l'unique sandale. In: CLANCIER, A.; ATHANASSIOU-POPESCO, C. *Mythes et psychanalyse*. Paris: In Press, 1997. p. 41-50.

BRUNEL, P. (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Tradução: C. Sussekind et. al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

COSTA, P. J. (Org.). *Mitologia grega e psicanálise: reflexões*. Curitiba: CRV, 2014.

COSTA, P. J. (Org.). *Psicanálise e mitologia grega: ensaios*. Curitiba: Appris, 2017.

COSTA, P. J. (Org.). *Mitos gregos e psicanálise: interfaces*. Curitiba, CRV, 2020.

---

18. Manifestação do sagrado.

DAVID, H. Les mères qui tuent. In: ANDRÉ, J. (Dir.). *La féminité autrement*. Paris: PUF, Col. Petite Bibliothèque de Psychanalyse, 1999. p. 3-53.

DUMÉZIL, G. *Loki*. Paris: Flammarion, 1995.

EURÍPIDE. Médée. In: Eurípide. *Tragiques grecs*. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1966.

FREUD, S. Tres ensayos de teoria sexual. In: FREUD, S. *Obras completas*. Traducción: José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. Vol. 7, p. 109-222.

FREUD, S. Tótem y tabú. In: FREUD, S. *Obras completas*. Traducción: José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. Vol. 13, p. 1-162.

GRAVES, R. *Les mythes grecs II*. Paris: Fayard 1997.

LAROUSSE du XXe siècle. (Paul Augé, Dir.). Paris: Librairie Larousse, 1952. Tome sixième.

MARTINEZ, V. C. V. Hipólito, o mais casto! In: COSTA, P. J. (Org.). *Mitos gregos e psicanálise: interfaces*. Curitiba: CRV, 2020. p. 103-138.

VERNANT, J.-P. *Mythe et société en Grèce ancienne*. Paris: La Découverte, 1992.

VERNANT, J.-P.; VIDAL-NAQUET, P. *Mythe et tragédie en Grèce ancienne*. Paris: Éditions Maspero, 1973.

**A**

- Ab-reação 194, 195
- Adoecimento psíquico 12, 18
- Afetos 31, 63, 180, 183, 184, 188, 197
- Afrodite 70, 71, 75, 81, 83
- Ágave 174, 176, 181
- Ágon 111
- Agressividade 12, 16, 17, 18, 24, 60, 96, 115, 177, 196, 199
- Alegria trágica 25, 26
- Alteridade 38, 42, 44, 45, 50, 52, 59, 156, 159, 166, 168, 169
- Alucinose 3
- Amazonas 71
- Amor materno 65, 147, 148, 153, 187
- Anacronia 125, 126, 132, 140
- Antiemoção 3, 7
- Antígona 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 121, 122, 124
- Aparelho de pensar 3
- Aparelho mental 13, 14, 16, 22
- Aparelho psíquico 13, 14, 16, 22, 60, 61, 134, 180
- Apolo 54, 77, 181
- Área transicional 31
- Areté 66, 69, 76, 81, 193, 197
- Argo 66, 67, 69, 72, 80, 81
- Argonautas 66, 69, 70, 71, 72, 73, 83
- Ártemis 72, 73
- Aspectos trágicos da condição humana 11
- Atemporalidade do inconsciente 132
- Atemporalidade dos mitos 173
- Ato filicida 144, 153, 198, 199
- Ato infanticida 148
- Ato trágico 141
- Automatismos psíquicos 4
- Autônoe 174

**B**

Bacantes 172, 174, 176, 181, 182, 185, 186

Baco 54, 174

Busca pelas origens 114, 115, 117, 118, 120

Busca pela verdade 2

Busca por sentido 90, 119

**C**

Cadmo 66, 71, 181

Caos 59, 60, 106, 169

Capacidade de empatia 36

Capacidade de pensar 2, 5

Caráter mítico 117, 120

Caráter trágico 102

Caráter transgressor 96

Cartas-testamento 116

Casos-limite 172, 184

Castração 39, 44, 46, 56, 82, 101, 150, 161, 165

Catarse 188, 194, 195, 203, 204

Cefiso 48, 50, 61

Ciclo odioso 116

Cinema 46, 88, 89, 90, 91, 104, 106

Cipris 75

Circe 67, 72

Civilização 18, 28, 29, 30, 45, 109, 122, 196, 203, 205, 207

Clínica psicanalítica 3, 6, 10, 19, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 141, 166, 170, 172, 179, 181, 183

Clitemnestra 69

Clivagem 144, 162, 180

Cólquida 66, 67, 69, 71, 75, 80

Comoção 187, 193, 196, 198, 201

Complexo de Édipo 11, 15, 23, 32, 86, 132, 139, 150, 151, 152, 153, 161

Compulsão à repetição 17, 52, 62, 163

Condição humana 1, 11, 13, 17, 40, 90, 91, 103

Condição trágica 23, 26, 28



- Condição transgressiva 87, 104
- Conflito 11, 13, 17, 24, 26, 34, 87, 111, 117, 173, 174, 178, 181, 189, 198, 206
- Conflito pulsional 13, 17
- Conhecimento das verdades penosas 1
- Conjugalidade 39, 42
- Consciência 6, 11, 14, 21, 23, 25, 87, 88, 92, 93, 97, 102, 103, 133, 140, 160, 162, 166, 173, 175, 199, 200
- Consciência trágica 173
- Consciente 21, 33, 35, 50, 63, 74, 132, 169, 173, 174, 175, 182, 184, 194, 196
- Constituição do aparelho psíquico 22, 134
- Constituição Psíquica 34
- Construção de sentidos 91, 109
- Corinto 66, 73, 128, 129, 130, 138, 146, 147, 189, 191
- Creonte 66, 73, 82, 110, 111, 112, 114, 127, 128, 129, 130, 139, 146, 189, 190
- Creúsa 66, 73, 79, 81
- Criatividade 86, 87, 158
- Culto dionisiaco 174
- Cultura 1, 12, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 36, 82, 85, 89, 106, 108, 109, 113, 114, 147, 150, 151, 161, 181, 203, 206
- Cultura antimente 1
- Cultura contemporânea 89
- Cultura grega 85
- D**
- Delfos 127, 128, 129, 130, 138
- Demefonte 41
- Deméter 31, 32, 40, 41, 42, 43, 45, 46
- Dependência absoluta 31, 33
- Dependência relativa 31, 33
- Desamparo 11, 13, 14, 15, 19, 24, 42, 43, 67, 98, 120, 166
- Descarga pulsional 194
- Desejo 3, 4, 7, 11, 14, 15, 25, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 58, 59, 60, 61, 76, 86, 87, 96, 97, 101, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 120, 123, 144, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 168, 169, 176, 188, 190, 195, 196, 197, 199, 200, 201
- Desejo transgressivo 96, 97

- Desenvolvimento emocional 31, 33, 37, 44, 46, 51, 98
- Desenvolvimento infantil 31, 33, 49, 104
- Desmedida 87, 102, 103, 180, 184, 185, 193, 197
- Destino 5, 15, 49, 62, 66, 79, 81, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 129, 137, 138, 139, 140, 149, 157, 173
- Devir heroico 65, 69, 81, 83
- Diferenciação subjetiva 32, 44
- Dinâmica civilizatória 120
- Dinâmica das pulsões 177
- Dioniso 24, 25, 87, 172, 174, 175, 177, 180, 181, 186
- Dióscuros 69
- Discurso trágico 12
- Disjunção entre a mulher e a mãe 143, 148
- Dor mental 1, 2, 4, 7
- Dor psíquica 22, 26, 27, 28
- Dualismo pulsional 16, 17, 24
- Dupla mãe-bebê 32, 36, 37, 44
- E**
- Eco 48, 49, 52, 59
- Édipo 11, 14, 15, 23, 32, 66, 82, 86, 103, 107, 110, 111, 114, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 150, 151, 152, 153, 161, 181
- Elementos inconscientes 103
- Elementos psicanalíticos 86, 104
- Elêusis 41
- Engrenagem suicida 1, 2, 3, 5, 7
- Enigma anacrônico 140
- Enigma da psicanálise 141
- Enigma edípico 125, 126
- Entusiasmo 48, 174, 180, 181
- Erínias 81
- Eros 7, 16, 17, 24, 25, 27, 30, 48, 49, 52, 59, 60, 61, 62, 71, 86, 177, 178, 179, 181, 184
- Erro trágico 87, 102, 103

Escuta psicanalítica 156, 158  
 Esfinge 82, 138, 139  
 Espelho psíquico 56  
 Ésquilo 5, 8, 25, 143, 173, 188  
 Estado mental 4, 100  
 Estados-limites 180  
 Estágio do espelho 51, 53, 54, 55, 56, 63  
 Estruturação do sujeito 109  
 Etéocles 110  
 Ética da clínica psicanalítica 23  
 Ética da psicanálise 109, 110, 111, 112, 114, 121, 123, 124  
 Ética trágica 10, 12, 13, 22, 27, 28, 186  
 Ética trágica da psicanálise 13, 22, 186  
 Eurípedes 25, 145, 152, 186, 188, 203  
 Excesso 31, 69, 87, 96, 117, 145, 158, 178, 193, 203  
 Experiência cinematográfica 91  
 Experiência de contato emocional 3  
 Experiência emocional 3, 5  
 Expressões míticas contemporâneas 89  
 Êxtase 24, 174, 175, 180, 181  
 Êxtase báquico 175

## F

Falhas do ambiente 33  
 Fedra 75  
 Feminilidade 8, 37, 42, 44, 46, 47, 123, 151, 152  
 Fenômenos transicionais 33  
 Figura materna 97, 98, 101  
 Filicídio 144, 147, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203  
 Fim trágico 92, 102, 103  
 Formação do Eu 50  
 Formação reativa 187, 199  
 Fórmulas da sexualização 150, 151  
 Frenesi báquico 172, 174, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 184, 185  
 Frenesi dionisíaco 174

Frixo 66, 69  
 Função do analista 156  
 Função do psicanalista 167  
 Função materna 33, 36, 44, 98, 151  
 Função paterna 34, 35, 36, 44, 46, 95  
 Funcionamento psíquico 1, 2, 176, 196  
 Fundamento da clínica 158  
 Fundamentos da psicanálise 12  
 Fundamentos da técnica psicanalítica 11, 23

**G**

Glauce 146, 189  
 Gozo 53, 117, 118, 119, 121, 122, 145, 149, 155, 167, 168

**H**

Hades 40, 42, 43, 45  
 Hécate 67, 73  
 Helena 69  
 Hélio 40, 67  
 Hemon 112  
 Hera 52, 71, 75, 81, 83, 193  
 Hércules 69, 70, 83, 105  
 Hermes 68, 77  
 Herói trágico 87, 88, 91, 92, 95, 96, 102, 103, 104, 173, 175, 193  
 Hesíodo 5, 8, 60, 63  
 Hipólito 75, 84, 153  
 Histórias de captura 38, 46  
 Homem contemporâneo 19, 20  
 Homem psicanalítico 102  
 Homem trágico 103, 173  
 Homero 25  
 Horror 11, 15, 79, 110, 111, 116, 119, 120, 127, 146, 147, 187, 188, 198, 200, 201  
 Humanidade 6, 82, 87, 92, 96, 102, 103, 113, 173, 181, 196  
 Hýbris 67, 69, 73, 77, 87, 106, 175, 176, 180, 181, 184, 186, 193, 204

**I**

- Identidade 31, 32, 38, 44, 45, 54, 82, 127, 130, 137, 138, 139, 141, 169
- Identificação projetiva 5, 99, 100, 101, 106
- Imagem especular 49, 53, 55, 59
- Imagem inconsciente do corpo 55, 56, 57, 63
- Imobilidade mental 3, 4
- Inconsciente 11, 14, 15, 21, 29, 35, 49, 50, 55, 56, 57, 60, 63, 86, 90, 97, 108, 109, 114, 120, 121, 122, 123, 125, 132, 133, 134, 136, 138, 141, 150, 156, 158, 163, 164, 166, 168, 169, 174, 175, 176, 183, 184, 188, 194, 196, 198, 201, 203
- Independência 32, 33, 45, 115
- Indivíduo 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 31, 54, 56, 61, 69, 97, 98, 101, 174, 178, 185, 188, 195
- Ino 174
- Inominável do gozo 117
- Interpretação 8, 29, 30, 35, 88, 89, 122, 123, 134, 136, 141, 154, 157, 158, 161, 176, 183
- Investimento libidinal 34, 52
- Investimento narcísico materno 34
- Investimento pulsional 38
- Ismene 110, 112

**J**

- Jasão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 197, 199
- Jocasta 14, 46, 82, 128, 129, 130, 131, 138, 139
- John Connor 85, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104

**L**

- Labdácidas 114
- Laço social 111
- Laio 14, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 141
- Linguagem 22, 46, 53, 57, 62, 63, 90, 106, 109, 112, 121, 126, 135, 141, 165, 168, 170, 188
- Liríope 48, 49, 50, 51, 56, 61
- Loucura privada 172, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

**M**

- Mãe odiosa 145, 147
- Mãe suficientemente boa 98
- Mal-estar contemporâneo 12, 22
- Mal-estar pós-moderno 13
- Maternagem suficientemente boa 33
- Maternidade 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152
- Medeia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201
- Mênades 174, 177
- Mérope 128, 129, 130, 138
- Metamorfose 49
- Metanira 41
- Metapsicologia 21, 24, 61, 144
- Método psicanalítico 174
- Metonímia do desejo de falo 150
- Mídias contemporâneas 89, 90
- Mito 6, 32, 36, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 73, 75, 77, 83, 85, 86, 89, 91, 106, 108, 109, 110, 114, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 153, 169, 186, 188, 189, 203, 204
- Mito das origens 108, 109, 110, 114, 121, 122
- Mitologia contemporânea 90
- Mitologia grega 9, 11, 83, 86, 104, 106, 108, 132, 141, 172, 185, 202, 203, 204, 206
- Moções pulsionais 184, 196, 200
- Morte 1, 5, 6, 11, 14, 15, 16, 17, 23, 24, 27, 45, 49, 52, 58, 59, 60, 62, 66, 67, 81, 82, 96, 97, 100, 105, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 130, 143, 145, 146, 157, 161, 162, 164, 169, 172, 174, 177, 178, 180, 192, 193, 194
- Mudança 2, 5, 8, 9, 16, 25, 137, 141, 146, 162

**N**

- Narcisismo 32, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 56, 61, 62, 86, 162, 170
- Narciso 40, 41, 42, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63
- Narrativas mitológicas 89, 105
- Nêmesis 48, 52

Norma fálica 148, 153

## O

Objeto 3, 14, 38, 44, 49, 50, 51, 55, 60, 62, 63, 65, 89, 99, 100, 101, 117, 120, 121, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 160, 161, 162, 163, 167, 177, 178, 179, 187, 196, 197, 199, 201

Objeto causa de desejo 148, 152, 153

Objeto de desejo 117

Objetos a 144, 148, 150, 151, 152

Objetos primários 97

Obturação da castração 150

Ódio 3, 4, 15, 31, 73, 80, 98, 116, 143, 145, 146, 147, 148, 153, 161, 167, 190, 199

Ódio ao pensamento 3

Olimpo 40, 41, 43, 71

Oráculo 48, 49, 50, 66, 127, 128, 129, 130, 131, 138

Ordem do gozo 117

Orfeu 69, 71

Organização narcísica 183

Origens 17, 18, 21, 76, 108, 109, 110, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 122

## P

Pai 11, 14, 15, 16, 23, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 44, 50, 66, 67, 71, 72, 73, 78, 79, 80, 82, 93, 95, 96, 102, 111, 115, 119, 120, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 153, 161, 174, 176, 191, 194, 197

Paixões humanas 188, 189

Pandora 5, 6, 7

Panteão helênico 59

Parto subjetivo 44, 45

Pensamento trágico 17

Penteu 174, 175, 177, 181

Persecutoriedade 99

Perséfone 31, 32, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 73

Personagens femininas 143

Perspectiva trágica 13

Pólibo 128, 129, 130, 138

Polimórfico-perverso 196, 200



- Polínicos 110, 112, 113, 114
- Pólis 85, 196
- Posição depressiva 101
- Posição esquizoparanóide 101
- Posídon 71
- Pós-modernidade 10, 13, 17, 19, 20, 27, 28
- Prática analítica 126, 136
- Prática clínica 133, 151, 156, 169
- Primeiras experiências relacionais 31
- Princípio de realidade 164, 195, 196
- Princípio do nirvana 16
- Princípio do prazer 16, 52, 60, 63, 163, 175, 176, 185
- Processo analítico 44, 45, 168
- Processo civilizatório 187, 198
- Processo de emancipação psíquica 32
- Processos de identificação 120
- Processos de separação e individuação 34
- Procusto 156, 157, 167, 169, 170
- Produção de sentido 119
- Projeção 50, 51, 53, 56, 99, 100
- Prometeu 5, 6, 7, 8
- Psicanálise 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 45, 46, 47, 61, 62, 63, 65, 68, 83, 84, 86, 88, 89, 91, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 183, 185, 186, 188, 202, 203, 204, 205, 206, 207
- Psiquismo 2, 5, 7, 9, 20, 22, 27, 34, 35, 36, 37, 38, 52, 56, 62, 91, 97, 106, 161, 164, 178, 179, 184, 186, 195, 196, 199, 200, 201, 203
- Pulsão 6, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 27, 49, 52, 59, 60, 62, 108, 122, 169, 172, 177, 178, 198, 199, 200
- Pulsão de morte 17, 27, 52, 59, 60, 62, 169, 172, 177, 178
- Pulsão de vida 23, 27, 49, 52, 59, 60, 177
- Purgação 193, 194

## R

- Realidade humana 2, 4

Recalcamento 86, 144, 195, 196, 198, 199, 200, 201

Recalque 165, 187, 198, 199

Recursos egóicos 31

Registro do desejo 109

Registro do gozo 117

Registro do mito 108

Registro próprio ao sujeito 114

Relação mãe e filha 32, 46

Relação mãe-filho 150

Representante do terceiro 32, 44

Repúdio 4, 187, 199

Revelação 114, 115, 117, 118, 119, 120, 127, 128, 137

Rito fúnebre 108, 109, 110, 113, 115, 121, 122

Rituais orgiásticos 174

Ritualização da morte 109, 114

Ruptura de campo 136

## S

Segredo 72, 115

Sêmele 73, 174

Sentimento inquietante 160, 164

Separação 20, 31, 32, 34, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 51, 115, 133, 144

Série simbólica do falo 144

Sexualidade genital 42

Significante 112, 113, 114, 118, 121, 150

Simbiose 32, 36, 37, 40, 41, 42, 44, 46

Simbiose patológica 36, 37, 40, 44, 46

Simbolização da morte 109

Simplégades 71, 75

Singularidade de sujeito 49

Sociedade contemporânea 90

Sociedade pós-moderna 12, 13, 18, 28

Sófocles 11, 14, 15, 25, 103, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 173, 188

Sofrimento 2, 6, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 27, 28, 32, 42, 43, 45, 49, 55, 97, 112, 117, 119, 145, 146, 167, 189, 190, 197, 198

Sufrimento humano 2

Sufrimento psíquico 12, 13, 18, 22

Subjetivação da morte 110

Subjetividade 13, 19, 36, 51, 55, 57, 59, 61, 62, 63, 89, 96, 166, 168, 188, 206

Sublimação 23, 108, 110, 111, 122

Sujeito do inconsciente 109, 114, 121, 122, 150

Sujeito psicanalítico 103

## T

Tebas 82, 110, 127, 128, 129, 130, 138, 139, 174, 181

Témis 73

Tempo 1, 3, 5, 6, 11, 13, 23, 26, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 59, 60, 66, 69, 70, 75, 82, 85, 89, 92, 96, 97, 100, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 118, 121, 123, 125, 126, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 150, 151, 154, 157, 159, 160, 162, 163, 168, 172, 176, 181, 184, 188, 189, 190, 194, 198, 200, 201

Tempo lógico 126, 132, 134, 135, 136, 141

Tempo mítico 109

Tendência transgressiva 96

Teoria das pulsões 21, 109, 178

Teoria psicanalítica 11, 17, 23, 86, 95, 108, 122, 124, 132, 143, 155, 164, 182, 188, 206

Tese falo-filho 150

Testamento 115, 116, 117, 165

Thanatos 7, 25, 27

Timé 66, 69, 76, 81, 193, 197

Tirésias 48, 49, 50, 69, 127, 128, 131, 139, 175, 181

Tragédia da vida 23, 24

Tragédia grega 11, 13, 14, 17, 86, 91, 94, 103, 111, 123, 144, 172, 174, 178, 188, 194, 196, 197, 203

Transferência 17, 133, 136, 156, 167, 168, 170, 182, 183, 184

Triangulação edípica 39

## U

Ulisses 67, 77

**V**

Velocino de ouro 66, 67, 70, 71, 72, 83

Vida mental 4, 5, 134, 163

Vínculo 31, 36, 46, 158

Vínculo mãe-criança 36


Vingança 5, 43, 67, 70, 75, 82, 143, 146, 147, 148, 153, 187, 190, 191, 192, 193, 197, 199, 201


Vinho 54, 174, 180, 181, 182


Violência psíquica 3


**Z**

Zeus 5, 40, 41, 42, 43, 66, 69, 71, 73, 83, 110, 138, 174

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:


RESSONÂNCIAS

  
Ano 2023





 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

  
Ano 2023

